

**O bairro do Recife e a Economia Criativa:
do Carnaval Multicultural ao *Paço do Frevo***

**El barrio de Recife y la Economía Creativa:
del Carnaval Multicultural hasta la creación del *Paço do Frevo***

**Recife City District and the Creative Economy:
from Multicultural Carnival to *Paço do Frevo*'s creation**

Carla Lyra¹

Palavras chave:

Políticas de valorização
do patrimônio imaterial

Economia Criativa

Bairro do Recife

Carnaval

Resumo:

Este artigo tem como tema as transformações culturais e urbanas do Bairro do Recife ocasionadas pelo desenvolvimento de um polo tecnológico, obras na área portuária para o desenvolvimento do turismo e a construção de museus. Algumas questões foram levantadas: qual a importância da memória e do patrimônio no processo de regeneração e renovação do bairro do Recife? Como as políticas se articulam para a construção da paisagem urbana recifense? Qual o papel da cultura nesta transformação urbana? Neste contexto, o carnaval, a patrimonialização do frevo e a construção do *Paço do Frevo* e sua relação com o bairro de São José serão analisados a partir da Teoria Ator-Rede de Latour.

Resumen:

Este artículo tiene como tema las transformaciones culturales y urbanas del barrio de Recife ocasionadas por el desarrollo de un polo tecnológico, obras en la área del puerto para el desarrollo del turismo y la construcción de museos. Surgieron algunas preguntas: ¿Cuál es la importancia de la memoria y patrimonio en el proceso de regeneración y renovación del barrio de Recife? ¿Cómo las políticas están articuladas para la construcción del paisaje urbano? ¿Cuál es el papel de la cultura en la transformación urbana? En este contexto, el carnaval, el frevo, los museos y su relación con el barrio de São José serán analizados con la teoría actor-red de Latour.

Palabras clave:

Políticas de valorización del patrimonio inmaterial

Economía Creativa

Barrio de Recife

Carnaval

Keywords:

Intangible heritage policies' patrimony

Creative Economy

Recife City District

Carnival

Abstract:

This article examines the cultural and urban transformations in *Recife city district* as a result of the creation of a software technology complex, tourism-oriented development and the building of museums in Recife's Port area. Some questions were raised such as: what is the importance of memory and heritage in the process of rehabilitation and renewal in Recife City District? How have different policies impacted Recife's urban landscape? What is the role of culture in this process of urban transformation? In this context, Carnival, frevo, museums and their connections with São José's district will be approached with Latour's Actor-Network Theory.

O bairro do Recife e a Economia Criativa: do Carnaval Multicultural ao Paço do Frevo

Introdução

Este artigo apresenta algumas reflexões resultantes da pesquisa de tese de doutorado *Cartografias da Manguebeat* que tem como tema as transformações culturais e urbanas do bairro do Recife entre a década de noventa e a atualidade, ocasionadas pelo desenvolvimento de um parque tecnológico e obras na área portuária para o desenvolvimento do turismo. Como parte da renovação do bairro do Recife, a construção de novos equipamentos culturais como os museus Paço do Frevo e Cais do Sertão^{II} inaugurados em 2014. A pesquisa se debruçou sobre algumas questões tais como: qual a importância da memória e do patrimônio (cultura, ciência e tecnologia) no processo de regeneração e renovação do bairro do Recife na atualidade? Como as políticas se articulam para a construção da paisagem urbana recifense? Qual o papel da cultura nesta transformação urbana?

A memória das reconfigurações dos usos do patrimônio no bairro foram analisadas a partir da década de noventa tendo como marco o surgimento do movimento Mangubeat^{III}. A Teoria Ator-Rede foi uma ferramenta metodológica utilizada para desvendar a inter-relação entre o Movimento Mangubeat, a criação do Porto Digital e as políticas de regeneração urbana e cultura através de uma abordagem sobre as interconexões de quadros de memória dos diferentes atores que participaram desses processos. Foi desenvolvido um estudo de caso sobre o bairro do Recife e territórios em conexão como o bairro de São José trazendo à tona questões como economia criativa, cooperação público-privada, modelos de cidade-mercadoria, museus e carnaval.

Diedrich (2013) argumenta que as cidades portuárias estão especialmente expostas a mudanças tecnológicas e econômicas que resultam em transformações do seu espaço e o modo mais simples de preservar esse patrimônio seria a museificação. Neste cenário, os museus e o seu capital simbólico seriam uma estratégia para conquistar a inserção da cidade privilegiada nos circuitos culturais internacionais como foi o caso do Museu Guggenheim em Bilbao (ARANTES, 2000).

Os museus e seus acervos constroem marcas de memória, paisagens e narrativas na produção de identidade no Bairro do Recife e estabelecem conexões entre atores e lugares. Conhecer o processo de criação desses equipamentos culturais é uma oportunidade de vislumbrar estas conexões entre os modelos de cidade global. Yúdice (2006) argumenta que os bens e processos simbólicos dinamizam o turismo - no estudo de caso em questão seriam o complexo Porto Novo Recife (composto por antigos armazéns 12 e 13 do Porto do Recife ao lado do Marco Zero e os centros comerciais), as indústrias audiovisuais (Porto Mídia) e os museus (Cais do Sertão e Paço do Frevo) – e estariam vinculados ao desenvolvimento urbano.

O bairro do Recife, o Porto Digital e a Economia Criativa

A regeneração urbana do bairro do Recife na atualidade é impulsionada por novos atores como o Porto Digital, que tem como missão promover a revitalização do sítio histórico^{IV} desde 2000, quando o Governo do Estado de Pernambuco lançou o projeto Porto Digital Empreendimentos e Ambiente Tecnológico. O Bairro do Recife foi escolhido para este projeto por apresentar uma disponibilidade de espaços ociosos e custo relativamente baixo para empresas, localização central na malha urbana, capacidade de impulsionar a

revitalização do bairro histórico e resgatar o caráter funcional e simbólico do local; e, por apresentar uma grande oferta de equipamentos e manifestações culturais exigidas pelos novos grupos de investidores (GIRÃO, 2005). Por sua vez, o processo de regeneração da área portuária (Operação Porto Novo) e a construção do museu Cais do Sertão estão relacionados às políticas de Economia Criativa no segundo ciclo da gestão Eduardo Campos (PSB) entre 2007 e 2014, o que ocorreu simultaneamente à criação da Secretaria de Economia Criativa do MINC^V em 2008.

Em função de sua importância crescente, a economia criativa motivou a realização de estudos e políticas para fomento do setor pelos governos. A Economia Criativa abrangeria as atividades econômicas ligadas aos segmentos definidos pela UNESCO: patrimônio natural e cultural, espetáculos e celebrações, artes visuais e artesanato, livros e periódicos, audiovisual e mídias interativas, design e serviços criativos. As expressões “economia criativa” e “indústrias criativas” são relativamente recentes e constituem produtos da “terceira revolução industrial” relacionados diretamente ao paradigma de produção da sociedade contemporânea baseada na era pós-industrial, pós-fordista, do conhecimento, da informação e do aprendizado (MIGUEZ, 2007). Reis (2007) remonta as origens do conceito ao termo *Creativenation* na Austrália em 1994. No Reino Unido, foi utilizado para contextualizar o programa de indústrias criativas como resposta a um quadro socioeconômico pós-industrial global no programa de reposicionamento mundial da imagem do país – *Creative Britain* ou *Cool Britain*. No Brasil, o termo surgiria em 2004 com o encontro promovido pela UNCTAD que elaborou o documento “Consenso de São Paulo”.

Neste contexto, foi elaborado o Plano Brasil Criativo (BRASIL, 2011)

que definiu quatro forças impulsionadoras do desenvolvimento: a organização flexível da produção, a difusão das inovações e do conhecimento, a mudança e adaptação das instituições e o desenvolvimento urbano do território resultado de uma dinâmica econômica local. Este plano apresenta um escopo dos setores criativos^{VI} em concordância com os parâmetros da UNESCO^{VII}, onde o setor do patrimônio imaterial é considerado tradicional, por ser transmitido por gerações, e vivo, por ser transformado, recriado e ampliado pelas comunidades e sociedades em suas interações e práticas sociais, culturais, com o meio ambiente e com a sua própria história. Os recursos culturais urbanos incluem, não apenas o patrimônio histórico, industrial e artístico, as paisagens e os marcos urbanos, mas também, o patrimônio imaterial - tradições, festivais, rituais, gastronomia, lazer entre outros.

Conexão São José - paisagem cultural e sonora

Você sabe lá o que é isso

Batutas de São José, isso é
Parece que tem feitiço
Batutas tem atrações que,
Ninguém pode resistir
Um frevo desses bem faz,
demais a gente se distinguir

(João Santiago, 1952)

A invenção da paisagem é, sobretudo, a invenção de uma cultura e suas linguagens. A tradição do frevo nasceu no Bairro de São José e o *Bloco Batutas de São José* foi fundado em 1932 no Pátio de São Pedro^{VIII} tendo completado 82 anos de história em outro bairro, Afogados. Os blocos carnavalescos foram inspirados nos conjuntos de portugueses e italianos do final do século XIX, sendo oriundos

das reuniões familiares dos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista.

O surgimento dos clubes carnavalescos com elementos integrantes dos desfiles militares acrescido da influência das procissões religiosas ocorreu após a abolição da escravatura negra. As rivalidades entre as agremiações sempre foram uma constante no carnaval de Pernambuco e capoeiras, “brabos” e “valentões” praticavam “exercícios de capoeiragem” em frente aos cordões carnavalescos. Por outro lado, “[...] a festa carnavalesca trazia à cena os novos protagonistas da história: o povo comum, o trabalhador assalariado pobre e a massa dos marginalizados, e os revelava com uma força tal que os fazia ainda mais ameaçadores” (SARMENTO, 2010, p. 34).

Memórias submersas, patrimônio cultural e transformação no espaço urbano. Na década de 1970, grande parte do Bairro de São José foi destruído: a Igreja dos Martírios, uma parte do patrimônio histórico do Recife e o seu carnaval de rua. De acordo com Rogério Proença Leite, os usos promovidos por processos de “*gentrification*”^{IX} podem alterar a paisagem e imprimir outros sentidos às realocações da tradição e aos lugares nos espaços da cidade. Qual o significado destas realocações? Que conexões são estabelecidas ao longo do tempo?

As transformações urbanas no bairro de São José na década de setenta foram narradas por documentários como o “Martírios de São José”, cujo argumento descreve a situação de um cenário onde a destruição do patrimônio cultural (Igreja dos Martírios) e abertura de grande avenida (Dantas Barreto) ocasionou o declínio do bairro:

A maior parte dos cidadãos que trabalham em São José não conhecem sua história, tampouco sabem que por

cima do Camelódromo edificava-se uma Igreja. O filme representará tais “fantasmas” em consonância com os depoimentos de alguns personagens, como Dona Sevi e Dona Edite, figuras históricas, que vivem em São José há mais de 60 anos, arquivos vivos e ativos importantíssimos de serem memorados. Ambas tem vitalidade e são referências no bairro. O depoimento do Maestro Edson Rodrigues. Intelectual do frevo, o maestro passou a infância nos blocos de São José e testemunhou o declínio do frevo na região após a construção da avenida. Depoimentos de especialistas, como o historiador Dirceu Marroquim e a arquiteta urbanista Rosane Piccolo Loretto^X.

O estudo de caso sobre o Bairro do Recife nos remeteu também à memória da criação de paisagens sonoras na cidade. As transformações urbanas (des) figuram a cidade. Os museus (re) significam estes espaços de esquecimento e memória na suas exposições.

A palavra frevo seguiu esta trajetória. A agitação, efervescência e grande reboiço das multidões nas ruas, a pular e saltar ao som das vibrantes marchas carnavalescas, invocavam a imagem da fervura. Porém, a palavra queria dizer mais. Seu sentido remetia a um contexto mais amplo que o da festa, vinculando-se, de uma forma ou de outra, à conjuntura social, política e cultural vivenciada pela cidade. (ARAÚJO, 1996, p. 377).

A paisagem sonora do frevo percorre ruas e, ao longo do tempo, o carnaval se (re) inventa e ocupa outros espaços. Para compreender os processos de realocação e patrimonialização é importante levar em consideração as colocações de Canclini (1999), que aponta que as contradições no uso do patrimônio têm a forma que assume a interação entre o setor pri-

vado, o Estado e os movimentos sociais, o que pode ser ilustrado pelo depoimento abaixo sobre a organização do carnaval do Recife desde os seus primórdios:

O carnaval, tradicionalmente percebido como a festa de todos, revelou-se às elites e às autoridades como um meio extremamente eficaz para tentarem se aproximar das camadas populares. (ARAÚJO, 1996, p. 394).

Do Bairro de São José para o Bairro do Recife - um carnaval multicultural

Fluxos culturais e políticos que reinventam o carnaval no bairro do Recife e na cidade no século XXI. Castells (1999, p. 40) argumenta que a desestruturação das organizações, a deslegitimação das instituições, o enfraquecimento de movimentos sociais e expressões culturais faz com que a busca da identidade seja tão poderosa quanto à transformação econômica e tecnológica.

A partir do ano 2001, com o advento da administração do Partido dos Trabalhadores, sob a gestão do prefeito João Paulo, o Carnaval do Recife sofreu uma remodelação em seu modelo de organização e adotou os conceitos de valorização da diversidade cultural, multiculturalismo e descentralização. O mapa do Carnaval era o grande desafio da gestão para ordenamento da ocupação do bairro. De acordo com o texto elaborado pela Prefeitura, o *Carnaval Multicultural* pretende ser “democrático, popular e diversificado” e busca oferecer ao folião espetáculos acessíveis a todos, tanto no âmbito espacial como no social através da instalação de *polos de animação* espalhados por toda a cidade, oferecendo uma maior diversidade de atrações, bem como de ritmos variados^{XI}. Foi elaborado um roteiro dos polos carnavalescos no centro do Recife que consistiu em polos-palco de grandes atrações locais e nacionais, como

o Marco Zero, a Praça do Arsenal da Marinha, a Rua da Moeda, a Avenida Guararapes, o Pátio do Terço e de São Pedro e os diversos polos descentralizados espalhados pelos subúrbios recifenses.

O marketing do carnaval - que teve como slogan e marca “Recife capital Multicultural do Brasil, Carnaval Multicultural” - é fortalecido na concepção do Museu Paço do Frevo como parte de um processo iniciado com o Plano do Complexo Cultural Recife – Olinda^{XII} que já apontava, desde 2003, o museu como um espaço de atração para o turismo. A produção de imagens, eventos, festivais, ícones arquitetônicos, espaços públicos renovados seriam a matéria-prima do marketing urbano e a cultura um meio para ressaltar a identidade da cidade e demarcar seu lugar no panorama mundial (VAZ, 2004). Com a cidade pós-industrial, são difundidas novas formas de intervenção através dos planos estratégicos e dos projetos urbanos focados na produção de serviços, informações, símbolos, valores, estética, conhecimento e tecnologia.

A (re)invenção do passo do frevo no Paço^{XIII}

O *passo* surgiu de um processo de elaboração lento e espontâneo. Os populares que acompanhavam os passeios das agremiações – mas que não pertenciam às mesmas e não participavam das ensaiadas manobras – sentiam-se contagiados pelas marchas excitantes, executadas pelas orquestras [...] Os *movimentos ágeis e definidos dos corpos*, por sua vez, retornavam aos músicos e inspiravam novos acordes, num processo incessante de troca, improvisação e criação coletivas. (ARAÚJO, 1996, p. 362).

A criação do Paço do Frevo fortalece a memória e a imagem do carnaval^{XIV}.

A história do frevo é contada a partir da construção de uma linha do tempo, fotografias e vídeos. As exposições de longa duração celebram personagens, músicos, passistas, costureiras e agremiações, mostrando a história e a tradição do frevo e documentos e informações encontram-se reunidos no Centro de Documentação Maestro Guerra Peixe. No Paço está instalada também uma escola de música para formar novos músicos e novos repertórios e uma escola de dança que está focada em atividades de formação, transmissão e difusão.

Para descrever o contexto do surgimento do Paço do Frevo no Bairro do Recife é fundamental compreender as políticas públicas do Plano Municipal de Cultura e as políticas de preservação adotadas nas últimas décadas do século XX no mundo, que se pautaram pela ampliação do conceito de patrimônio, compreendendo os bens de caráter natural, imaterial e material (móvel ou imóvel). No Brasil, nesta definição ampliada de patrimônio coube ao Estado a função de resguardar as manifestações das culturas populares, indígenas, afro-brasileiras e as de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional, fixando também datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal. O Estado deve assumir com a participação da sociedade seu papel no planejamento e fomento das atividades culturais, na preservação e valorização do patrimônio cultural material e imaterial do país e no estabelecimento de marcos regulatórios para a economia da cultura, sempre considerando em primeiro plano o interesse público e o respeito à diversidade cultural.

O *Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial*^{XV} tem um papel de produção de conhecimento sobre o bem cultural imaterial em todos os seus aspectos

culturalmente relevantes, sendo aplicado àqueles bens que obedecem às seguintes categorias: celebrações, lugares, formas de expressão e saberes, ou seja, as práticas, representações, expressões, lugares, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural. Com o Registro, os bens recebem o título de Patrimônio Cultural do Brasil e são inscritos num dos quatro livros de registro de acordo com a categoria correspondente.

Em 2003, a UNESCO lançou a *Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial* e, em 2005, é adotada na UNESCO a *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade de expressões culturais*, um documento jurídico de validade internacional que visa orientar e legitimar os países na elaboração e na implementação de políticas culturais próprias para proteção e promoção da diversidade cultural, assim como instituir novos padrões de cooperação e relações internacionais. Em 2007, o Frevo foi registrado como patrimônio imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e inscrito na lista representativa do Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2012. Para tal, foi realizado o seu inventário^{XVI} no qual se procurou perceber o Frevo em seus vários aspectos: político, social, cultural, estético, antropológico, turístico e comercial^{XVII}.

Na sua pesquisa sobre a patrimonialização do Frevo, Sarmiento (2010) buscou analisar o impacto e a interferência das novas políticas oficiais de patrimônio sobre manifestações e expressões da chamada “cultura popular”, enfocando as práticas patrimoniais como um sistema simbólico de transmissão, construção e reprodução de valores culturais na constituição de identidades e representações coletivas. A reprodução do saber, da crença ou da arte de determinado grupo social

ocorre enquanto estes se apresentam vivos, dinâmicos e significativos para a vida e circulação dos bens, de ritos ou de símbolos entre as pessoas.

Nesse processo, o autor analisou como a concepção de patrimônio cultural amplia o leque de saberes e de instituições envolvidas com a gestão e promoção do frevo, identificando controvérsias sobre a patrimonialização tais como ideologias, instituições, políticas e interesses, que são também permeadas com conflitos e contradições inerentes ao campo de batalha no momento de elaboração e contestação de distintas e instáveis representações de memórias e identidades. São estes processos que marcaram a criação do Paço do Frevo e a sua gestão compartilhada entre a Fundação Roberto Marinho e a Prefeitura da Cidade do Recife.

Em maio de 2013, a Prefeitura do Recife sinalizou que considerava adequado o modelo de gestão pública indireta através de uma Organização Social (OS). Dessa forma, o Paço do Frevo^{XVIII} consiste num espaço cultural da Prefeitura do Recife, sendo sua gestão realizada pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG). As Organizações Sociais são um dos exemplos dos novos mecanismos de gestão das parcerias público-privadas que tiveram sua origem a partir da crise fiscal dos anos 1980/90, com a descentralização das funções dos Estados nacionais onde foi colocado em xeque o modelo teórico do desenvolvimento urbano de base tradicional. As redes de políticas públicas e de governança refletem esta mudança na relação entre Estado que conduz a novas tendências em direção à gestão compartilhada e interinstitucional, setor público, o setor produtivo e o terceiro setor (TORRES, 2007).

Por outro lado, com relação à legislação verifica-se que o princípio das políticas de salvaguarda do patrimônio

imaterial é fortalecer e dar visibilidade às referências culturais dos grupos sociais em sua heterogeneidade e complexidade, promovendo a apropriação simbólica e o uso sustentável dos recursos patrimoniais. O *Plano integrado de salvaguarda do Frevo* é um documento que sintetiza uma série de recomendações e diretrizes cujo objetivo é assegurar a continuidade, a vitalidade e as vias de sustentabilidade do Frevo em suas múltiplas dimensões. São medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial tais como: a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.

O *Plano de salvaguarda* constitui-se em “um instrumento difusor de alcance local e supraregional de ações de valorização, reconhecimento e estímulo ao patrimônio, tendo como protagonistas as comunidades, os grupos e os indivíduos que criam, mantêm e transmitem esse patrimônio, associando-os ativamente à gestão do mesmo” (CARVALHO, 2013, p. 120). Desse modo, músicos, maestros, compositores, arranjadores, cantores, passistas, foliões, dançarinos, produtores e integrantes das agremiações assumem um papel central no planejamento das políticas de salvaguarda do Frevo, participando ativamente do diagnóstico de eventuais problemas e/ou aspectos da manifestação que precisam ser mais valorizados e na idealização de ações que assegurem suas vias de sustentabilidade^{XIX}.

O Paço do Frevo e o bairro do Recife

O Paço do Frevo ocupa o território do Bairro do Recife incorporando na paisagem a memória do Frevo. Com relação ao bairro do Recife, o Paço tem como objetivo específico “contribuir para a revitalização do Bairro do Recife e seu

entorno”^{xx}. Segundo o *Plano museológico*, um dos objetivos do espaço Paço do Frevo é estabelecer a relação entre a origem do frevo (as ruas dos bairros do Recife, de São José e de Santo Antônio) e o Paço. O museu é um exemplo de como as políticas culturais se articulam às políticas urbanas para o fortalecimento de “territórios”, tornando visível as conexões entre memória e espaço.

Manifestação originada no Carnaval do Recife, nascida entre camadas populares urbanas, o frevo passou a ser visto como símbolo de identidade cultural para os pernambucanos. Neste contexto, ele representaria a coesão social, a síntese dos elementos étnicos formadores do tipo brasileiro – o índio, o negro e o branco – ao mesmo tempo em que revelaria e expressaria a face local e individualizada de uma formação histórica com características próprias e específicas. (ARAÚJO, 1996, p. 21).

Appudarai (2004) utiliza o termo “bairro” para se referir a formas sociais efetivamente existentes em que a localidade, enquanto dimensão ou valor, se realiza de vários modos. Os bairros seriam comunidades caracterizadas pela sua realidade espacial ou virtual e pelo seu potencial para reprodução social. Os bairros seriam intrinsecamente o que são porque “[...] se opõem a outra coisa e derivam de outros bairros já produzidos” (p. 243). O patrimônio imaterial preservado no Bairro do Recife ganha os seus contornos em outros bairros como o de São José que, além de berço do Frevo, abriga o Pátio de São Pedro, tombado como patrimônio histórico cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco.

Territorialidade, espacialidade que o frevo utilizou como palco principal como cortejo, das classes menos privilegiadas na rua: os operários, os ne-

gros alforriados, tudo isto encontrou no frevo uma expressão mais acabada para isto. Dito isto, quando a gente pensa no museu a gente pensa no grande suporte, enquanto ícone imagético que pode contribuir para o mercado das cidades, mercado do fluxo internacional do turismo que exige que a cidade apresente elementos diferenciadores, atrativos, sendo ampliado^{xxi}.

As cidades seriam convertidas em produtos de consumo através de estratégias de marketing promovido pelo capital financeiro e imobiliário, assim como pela indústria do turismo e do entretenimento. Esse modelo de criação de cidades-commodities ou cidades-negócio possuiria, dessa forma, um caráter intervencionista, tecnocrático e manipulações da noção de diversidade cultural como slogan publicitário, a invenção de “lugares de memória” e “políticas monumentalizadoras” (DELGADO, 2007).

O *Plano Museológico do Paço do Frevo* descreve que ele nasceu com o propósito de se “[...] afirmar como um espaço de referência cultural, arquitetônica e histórica para todo o Brasil, contribuindo para perpetuar a riqueza do frevo, um dos principais ícones da identidade pernambucana, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio cultural imaterial brasileiro e patrimônio da humanidade”, ou seja, como *Centro Nacional de Referência do Frevo*.

O Paço do Frevo faz parte de uma cadeia da economia da cultura no sentido de que com as suas atividades consegue atacar uma grande deficiência do frevo que era a sazonalidade. O frevo era uma expressão sazonal, carnavalesca. Entretanto, o Paço do Frevo busca mostrar que o frevo é um grande ativo, um grande recurso que pode ser “consumido” durante todo o ano mobilizando várias cadeias

culturais, criativas e econômicas. O Paço criou o Programa frevo empreendedor, ou seja, a ideia de um espaço diferenciado que apontaria para a sustentabilidade dos grupos com a formação de programas musicais como estratégia para construir novos mercados e criar a conexão do frevo com outros circuitos. Uma estratégia desenhada foi a de realizar alguns cursos e algumas ações tais como: gestão de carreira, programa de qualificação em música, aprimoramento das orquestras de rua - seja no sentido da técnica repertório ou da organização - e atividades como a criação de um *mailing* para que os músicos pudessem ganhar autonomia e organizar suas carreiras.

Desta forma, o Paço do Frevo seria um “museu catalisador de experiências” e um ator no desenvolvimento de territórios criativos e incubadoras artísticas. Na programação *Hora do Frevo*, consolidou-se a formação de novos grupos e a reaproximação de grupos que praticamente foram extintos. Um espaço para provocar o encontro e a convivência fazendo surgir novas possibilidades do Frevo no mercado da música e da arte: novos grupos, criações e atos criativos, intercâmbios culturais. Para isto, uma rádio *online* está sendo formatada e um estúdio será implantado no museu.

O museu seria visto como uma “plataforma”, cada vez menos conservador e autoritário, passando a ser solidário e colaborativo, engajador das pessoas e com o papel de capilarizar e se articular a outras redes. O Paço já recebeu um fluxo de 200 mil pessoas desde a sua inauguração em 2014. Isto possibilitou a geração de empregos diretos e indiretos: bares, restaurantes, guias, taxistas e toda uma cadeia que se movimenta para este serviço ser executado^{xxii}. A memória do frevo localizada no território do Parque Tecnológico e o Cais do Sertão na área portuária fortalece, desta forma, o marke-

ting de uma cidade multicultural e de negócios criativos.

O museu Cais do Sertão, por sua vez, faz parte de uma estratégia da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado para implantação de um potencial *cluster*^{xxiii} metropolitano de negócios criativos entre o Bairro do Recife e o Centro Histórico Criativo. Esta estratégia de ressignificação do território Recife/Olinda pelos negócios criativos se apoia na ênfase em negócios transmídia e na articulação sinérgica de 5 *hubs*^{xxiv} em implantação ou a serem implantados/adaptados: Portomídia, Polo da Moda, Museu Luiz Gonzaga (Cais do Sertão), Fábrica Tacaruna em Peixinhos, Museu do Futuro Imaginário em Olinda.

Fluxos econômicos com tecnologia somada ao investimento em equipamentos culturais para atração do turismo. Em 2015, o Porto Digital comemora seus quinze anos de existência no bairro do Recife. Entre os seus resultados, a instalação de 260 empresas e a geração de oito mil empregos com um faturamento de um bilhão e trezentos mil reais por ano e a conquista pela segunda vez do título de melhor parque tecnológico do país^{xxv}. A revitalização do Porto do Recife e a o Parque Tecnológico consolidam uma rede de parcerias público-privadas no território do bairro do Recife ao mesmo tempo que o carnaval e o Paço do Frevo fortalecem a identidade do bairro. Um exemplo de como “as redes modificam de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 565). Entretanto, bairros que possuem um patrimônio cultural tombado e espaços culturais, muitas vezes não são integrados a esses novos circuitos. Recuperar a memória desses espaços como o bairro de São José torna-se fundamental para a compreensão da realidade atual do bairro do Recife e os “deslocamentos das tradições” e negócios.

Bibliografia

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 2004.

ARANTES, Antonio. (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

BAIRRO do Recife se torna laboratório urbanístico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 abr. 2014. Caderno Vida Urbana.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. *As metas do Plano Nacional de Cultura*. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: Ministério da Cultura, 2012. il. Color.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. *Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014*. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CARVALHO, Rosane M. R. *Plano Museológico do Paço do Frevo*. Paço do Frevo, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (A Era da informação: Economia, Sociedade e cultura, v.1). Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEL RIO, Vicente. Voltando às origens – revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos. *Arquitextos*; Vitruvius, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/859>>. Acesso em: 25 set. 2015.

DELGADO, Manuel. *La ciudad mentirosa – fraude y miseria del modelo Barcelona*. Madrid: Los libros de la Catarata, 2007.

DIEDRICH, Lisa. Entre a tabula rasa e a museificação. In: CARDOSO, Isabel Lopes. (org.). *Paisagem patrimônio*. Porto: Chaia e Dafne, 2013.

DONADIEU, Pierre. A construção de paisagens urbanas poderá criar bens comuns? In: CARDOSO, Isabel Lopes (org.). *Paisagem patrimônio*. Porto: Chaia e Dafne, 2013.

FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE/SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Cluster Metropolitano de Negócios Criativos*. Planejamento Estratégico. Pernambuco, 2013. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/redacaojornaldocomercio/cluster-metropolitano-de-economia-criativa>>.

GIRAO, C. S. *Porto digital do bairro do Recife: uma ilha de riqueza em um mar de pobreza*. 2005. 356 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.cibergeo.org/atividades/Cecilia_Girao_Dissertacao23082005.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2015.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Plano Estratégico da Economia Criativa 2012 – 2015*. Recife: Prima Consultoria. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, 2012.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO. *Plano de trabalho – Paço do Frevo*. Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG. Recife, 15 de outubro de 2013.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Salvador: EdUFBA; São Paulo: EdUSC, 2012.

LEITE, Rogério Proença; PEIXOTO, Paulo. Políticas urbanas de patrimonialização e contrarrevanchismo: o Recife Antigo e a zona histórica da Cidade do Porto. *Cadernos Metrôpole*, Cidade, nº 21.p. 93-104, 2009.

LÉLIS, Carmem (org.). *Frevo, patrimônio imaterial do Brasil: síntese do dossiê de candidatura*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.

LÉLIS, Carmem; MENEZES, Hugo; NASCIMENTO Leilane. B.C.M. *Batutas de São José (1932-2012): Sabe lá o que é isso!*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

LIMA JUNIOR, Pedro Novais. *Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”*: deslocamentos espaciais e atribuições de sentido na teoria do planejamento urbano. 2003. Tese (Doutorado em

Planejamento Urbano e Regional)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MIGUEZ, P. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, G. M. (org.). *Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 96-97. (Coleção CULT).

MILES, Malcolm. Uma cidade pós-criativa? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2012. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/5091DOI:10.4000/rccs.5091>>. Acesso em: nov. 2014.

PREFEITURA DO RECIFE. *Catálogo do Complexo turístico cultural Recife-Olinda*. Recife, 2007.

PRYSTHON, Ângela; ROSÁRIO, André Teltes do. Manguetown: identidade, cultura e geografia no jornalismo cultural impresso. *Comunicação e Informação*, v. 8, nº 1, p. 47- 52, jan./jun.,2005.

REIS, Ana Carla Fonseca (org.). *Cidades criativas: soluções inventivas: o papel da copa, das olimpíadas e dos museus internacionais*. São Paulo: Garimpo de Soluções; Recife: FUNDARPE, 2010.

REIS, Ana Carla Fonseca. *Economia da cultura e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Manole, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais e novos desafios. *Matrizes*, São Paulo, Ano 2, n. 2, p. 93 - 115, 2009.

SARMENTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Patrimonialização das culturas populares: visões, interpretações e transformações no contexto do frevo pernambucano*. 2010. 238 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – CFCH Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SILVA, Leonardo Dantas. *O carnaval do Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: Bidou-Zachariansen, C.; Hiernaux-Nicolas, D.; Rivière d’Arc, H. (org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Governança em rede: o caso do sistema brasileiro de museus. *Revista CPC*, São Paulo, n. 16, p. 1-208, maio/out. 2013.

TORRES, Marcelo Douglas. *Agências, contratos e oscips: a experiência pública brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VAZ, Lilian. A culturalização do planejamento e da cidade: novos modelos? *Cadernos PPG-AU/FAU-FBA*, Salvador, 2004 (Número especial).

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: uso da cultura na era global*. Tradução de Marie Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antonio (org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000.

Recebido em 14/04/2016

Aprovado em 29/07/2016

I Carla Elizabeth Pereira e Lyra. Doutora em Memória Social (UNIRIO).Brasil. Contato: clyra2@gmail.com

II Bairro do Recife se torna laboratório urbanístico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 abr. 2014. Vida Urbana.

III Emergindo da “periferia da periferia”, da lama, o **Manguebit** (como foi chamado pelos grupos que o constituíam), ou **mangue beat** (como ficou conhecido por meio da mídia nacional), vai transformar a cidade do Recife (PRYSTHON, 2005).

IV Em 1998, aconteceu o tombamento do Bairro do Recife pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) sob portaria federal nº 263/98 e pela Prefeitura do Recife mediante lei nº 16.290/97. Três aspectos que destacaram a importância nacional do Bairro: a relevância paisagística, arquitetônica e urbanística (LEITE, 2009).

V Informações coletadas a partir de entrevista e da página do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/secretaria-da-economia-criativa-sec>>.

VI Os setores criativos são aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social.

VII Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>.

VIII Informações sobre o Pátio disponíveis em: <<http://www.patiodesaopedro.ceci-br.org/saopedro/pt/>>.

IX O termo *gentrification* foi usado pela primeira vez na década de 1960 por Ruth Glass, socióloga alemã, para explicar as mudanças ocorridas nos bairros londrinos, onde as camadas populares foram substituídas pelas médias. Tal processo evoluiu de forma rápida, marcando o urbanismo contemporâneo (SMITH, 2006). Sobre o processo de enobrecimento ou *gentrification* no bairro do Recife ver: Nery, N. S.; Castilho, C. J. M. A comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife: possibilidades de inclusão socioespacial dos moradores ou gentrificação. *Humanae*, v. 1, n. 2, p. 19-36, dez. 2008. Disponível: <http://www.esuda.com.br/revista_humanae.php>.

X Sinopse do vídeo Martírios de São José. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nu7Pg_z9DTI&feature=youtu.be>.

XI Prospecto da Prefeitura do Recife sobre o Carnaval Multicultural, 2012.

XII O projeto *Complexo turístico cultural Recife-Olinda*: no território do passado, a construção do futuro previa intervenções programadas para acontecer num período de 15 a 20 anos, numa faixa litorânea entre os centros históricos destas duas cidades. O Plano elaborado a partir do ano de 2003 foi identificado como instrumento de planejamento de uma rede cultural que articularia a construção da paisagem urbana recifense. O complexo foi definido como “território que sintetiza a expressão da cultura local e que pode tornar esta identidade como vetor estratégico para seu desenvolvimento” (PREFEITURA DO RECIFE, 2007).

XIII Um trocadilho entre passo do frevo como movimento corporal e Paço como local de habitação suntuosa para a realeza ou o episcopado; palácio, ou seja, a ideia de criar um palácio do frevo.

XIV O projeto conta com o patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Companhia Energética de Pernambuco (Celpe), do Governo do Estado de Pernambuco, por meio de sua Secretaria de Turismo e da Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur), do Instituto Camargo Corrêa, do Instituto Votorantim, do Itaú, da Rede Globo e apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

XV Elaborado a partir do Decreto nº 3.551/2000 como um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro composto por bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.

XVI O *Inventário Nacional de Referências Culturais* (INRC) é um dos principais instrumentos para a identificação e documentação de bens culturais sob a perspectiva da atual política de valorização do patrimônio imaterial originada pelo decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000.

XVII Dossiê do Frevo (Patrimônio Imaterial do Brasil). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=932A525DA031915F8EE91FE32C5F5A0B?id=3222>>.

XVIII Disponível em: <<http://www.pacodofrevo.org.br/>>.

XIX O *Plano integrado de salvaguarda do Frevo* está estruturado em sete eixos de atuação: *espaço do frevo, documentação, transmissão e informação, divulgação, apoio às agremiações, direito autoral, marcas e patentes e economia da cultura do frevo*, nos quais se encontram detalhadas uma série de ações e projetos, bem como atividades e papéis a serem desempenhados pelo poder público e pela sociedade civil de forma complementar e colaborativa.

XX O imóvel onde funciona o Paço do Frevo é protegido por legislação específica do Iphan e pela legislação municipal como Zona Especial do Patrimônio Histórico-Cultural 09 – ZEPH-09.

XXI Entrevista com Eduardo Sarmento, Gerente do Paço do Frevo, 2015.

XXII Dados obtidos a partir da entrevista supracitada.

XXIII *Cluster* seria no mundo da indústria como “[...] uma concentração de empresas que se comunicam por possuírem características semelhantes e coabitarem no mesmo local. Elas colaboram entre si e, assim, se tornam mais eficientes” (FGF/SEC, 2013, p.13).

XXIV Um hub funciona como a peça central, que recebe os sinais transmitidos pelas estações e os retransmite para todas as demais. Todas as placas são ligadas ao hub ou switch, que serve como uma central, de onde os sinais de um micro são retransmitidos para os demais.

XXV Dados obtidos no site: www.portodigital.com.